

O que não foi divulgado do caso Aracruz

8 de março de 2006

Na madrugada do dia 8 de março de 2006, mais de mil e quinhentas mulheres camponesas entram no horto florestal da empresa Aracruz Celulose em Barra do Ribeiro, próximo a Porto Alegre.

A notícia espalhou-se pelo mundo, as mulheres, jovens, mães e avós foram apon-

tadas como arruaceiras, destruidoras, vândalas... muita gente criminalizou o ato de coragem e não se perguntou: “Mas afinal, o que levaria as mulheres a saírem de suas casas na madrugada do Dia Internacional da Mulher e fazer um ato de coragem destes?”

As mulheres camponesas e os meios de comunicação...

Já faz muitos anos que as mulheres camponesas vêm trabalhando e alertando a sociedade sobre o desrespeito com a natureza em nome do lucro, do dinheiro. Já faz muito tempo que as mulheres estão trabalhando em defesa da vida, da natureza e da sobrevivência do planeta.

Mas, a televisão, o rádio e o jornal nunca divulgaram as denúncias feitas por estas mulheres, dos verdadeiros massacres ambientais, sociais e econômicos, praticados pelas grandes empresas como a Aracruz; dos bilhões que saem dos cofres públicos direto para estas grandes empresas, enquanto a agricultura camponesa nada recebe; da existência de trabalho escravo, de invasão de terras indígenas, quilombolas ou de pequenas/os produtoras/es a custa de muita violência e mortes.

Isto não é notícia porque a empresa Aracruz, como outras, responsável por todas estas violências, financia os Meios de Comunicação, garantindo a defesa de seus interesses e das elites.

Que futuro você prefere?

| Agricultura Camponesa | Aracruz Celulose |
|--|---|
| 5 empregos para cada 1 hectare | 1 emprego para cada 185 hectares |
| 2810 propriedades com 20 hectares | 1 empresa com 56,2 mil hectares |
| 100% da produção para a mesa do trabalhador brasileiro | 97% da produção de 2004 para exportação |

Biodiversidade

Deserto verde

“No Dia Internacional da Mulher, as mulheres camponesas se investiram deste mesmo espírito profético e usaram a força simbólica contra a violência estrutural de uma empresa que pensa poder, impunemente, comprar a vida das pessoas e transformar a terra em mercadoria”.

Marcelo Barros, monge beneditino.

Por que as mulheres foram corajosas

Se estas mulheres chegaram a este ato de coragem é porque alguma coisa está errada. O ato foi de denúncia, foi um grito para que a sociedade pudesse enxergar algo que não está vendo, mas que está destruindo com os nossos rios e nossos animais, com a diversidade da natureza e mesmo com as nossas vidas.

Assim, no dia 8 de março, quando mais de mil e quinhentas mulheres entraram no Horto Florestal, em Barra do Ribeiro, elas pensavam no futuro do planeta e denunciavam, para que fossem punidos, os verdadeiros criminosos da monocultura, do agronegócio do reflorestamento. Foi um apelo em defesa da vida.

O dinheiro público que não foi para o povo

Para a instalação da fábrica, no Espírito Santo, a Aracruz recebeu 337 milhões de dólares do BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico - que também é acionista desta empresa). Foi o maior investimento que uma empresa privada já recebeu no Brasil. A Aracruz vai receber R\$ 297 milhões do BNDES para investimento em 2006, inclusive para a modernização da unidade industrial localizada em Guaíba, no Rio Grande do Sul.

Nos últimos três anos, só a Aracruz Celulose recebeu do governo brasileiro quase 2 bilhões de reais. O prazo de carência desses créditos do BNDES é de 21 meses, só a partir daí começam as amortizações do empréstimo, cujos prazos chegam a 84 meses. Tudo isso a juros de 2% ao ano, enquanto as taxas de juros praticadas no Programa Nacional da Agricultura Familiar (PRONAF) vão até 8,75% ao ano!

Além disso, os governos (federal, estadual, municipal) garantem a infraestrutura necessária para a instalação das fábricas e das plantações, como estradas, saneamento, energia, isenção de impostos... tudo isso com recursos públicos.

Comparativo entre a agricultura camponesa e empresas de celulose

| | Empresa de Celulose | Agricultura Camponesa |
|---|--|--|
| Empregos por hectare | 1 para cada 185 hectares | 5 para cada 1 hectare |
| Investimento público | 337 milhões para uma empresa | 9 bilhões para 2 milhões de contratos (2005) |
| Destino da produção | 97% da produção de 2004 para exportação - Europa e China | 100% da produção para a mesa da/o trabalhadora/or brasileira/o - significando 75% da alimentação da população brasileira |
| Concentração de terra no Rio Grande do Sul | 1 empresa com 56,2 mil hectares | 2.810 propriedades com 20 hectares |

A Aracruz Celulose e outras empresas do deserto verde...

A Aracruz Celulose S/A é uma multinacional controlada por quatro acionistas majoritários que detêm direito a voto: Grupo Lorentzen da Noruega (28%), Banco Safra Internacional (28%), Votorantim (28%) e BNDES (12,5%).

Junto da Stora Enso, uma empresa sueco-finlandesa, produtora de papel e celulose, são donas da Veracel Celulose, uma grande empresa do sul da Bahia.

A Aracruz possui: 252 mil hectares de plantação de eucaliptos nos Estados de Minas Gerais, Bahia,

Rio Grande do Sul e Espírito Santo, além de 71 mil hectares de árvores de eucaliptos plantadas e manejadas por agricultores.



No Rio Grande do Sul, pelos dados de 30/12/2004, é proprietária de 56,2 mil hectares de terra, dos quais 42 mil hectares estão plantados com eucalipto e, em parceria com os agricultores, outros 400 hectares.

As grandes empresas do Deserto Verde no Rio grande do Sul são: **Votorantim Celulose e Papel e Stora Enso** (que na verdade são uma só).

• **“Ninguém ousou questionar a responsabilidade da Aracruz por aquelas mudas e a ilegalidade do seu plantio. Evitaram as mulheres camponesas, como anteriormente em outras partes do mundo o fato consumado e crime ambiental?”**

• Sebastião Pinheiro

A destruição da natureza...

A cadeia produtiva da celulose é, talvez, a que mais traz destruição ambiental, da produção do eucalipto até a produção do papel é visível o extermínio da natureza. São fatos que não aparecem na imprensa, mas que são alarmantes.

A água

No vale do Jequitinhonha, em Minas Gerais, estima-se que mais de 270 riachos secaram nas últimas décadas, depois da instalação da fábrica da Aracruz e do plantio de eucalipto.

Afirma-se que o plantio de eucalipto causa seca de poços artesianos de até 30 metros de profundidade. Para se produzir um quilo de madeira são necessários 350 litros de água, isto é uma grande plantação de eucalipto necessita de uma quantidade de água superior à existente no solo, e a precipitação de chuva de um ano é 20% menor que o consumo de água de uma plantação em maior escala.

Quando sua produção era de 450 mil toneladas, a Aracruz lançava 6 toneladas diárias de um aditivo químico altamente poluente na maior bacia pesqueira do Oceano Atlântico, no sul da Bahia, hoje sua produção chega a quase 3 milhões de toneladas, quase 6 vezes mais.

Além disso, essa empresa está comprando as terras nas quais se encontra o Aquífero Guarani, no sul do Brasil, a maior reserva de água doce do mundo. Futuramente, quando o problema da água for maior, ela também dominará este bem natural, que é do povo.

Nas suas grandes extensões de produção de eucalipto, perfuram poços artesianos para a irrigação, usufruindo e acabando com a água também do subsolo, tornando mais dramática a situação da seca e desertificação.

Solo, plantas e animais

O eucalipto causa degradação do solo, além disso, as plantas não conseguem crescer nas áreas de eucalipto, assim há o extermínio de variedades. Muitos animais também não tem mais o que comer ou onde viver e acabam morrendo sem conseguir se reproduzir.

Muita terra para pouco emprego

No Brasil, a Aracruz gerou 1 emprego direto para cada 185 hectares de terra. Só no corte do eucalipto uma máquina cortadora faz o trabalho de 14 motos cerras.

Isto significa que a indústria de celulose requer tecnologia mecanizada e não mão-de-obra trabalhadora, gerando poucos empregos.

As ações violentas da Aracruz

O relato de como a Aracruz agiu para ocupar uma área indígena de 18 mil hectares no Espírito Santo, é chocante. O caso foi parar no Tribunal Permanente dos Povos, em Viena, mas não na imprensa brasileira. Com a ajuda da Polícia Federal, eles invadiram violentamente as terras indígenas dos tupis-guaranis, queimando casas e espalhando terror na aldeia.



Em 1994 um grupo técnico da FUNAI identificou como sendo terra indígena 13,579 hectares de terra que a ARCEL, mesma Aracruz, comprou de grileiros e escriturou. No município de Conceição da Barra 68% da área do município é da ARCEL.

A Aracruz Celulose ocupa a maior parte do território quilombola de Linharinho, em Conceição da Barra. 41 famílias de remanescente de quilombo, continuam resistindo à ocupação das terras pela Aracruz e outros.

Quem são os criminosos?

As mulheres camponesas, que num ato de coragem, quiseram fazer uma denúncia, ou as empresas de celulose que poluem, exterminam com a natureza, mantêm trabalho escravo e usam dinheiro público.

• **“Foi uma resposta a o que a empresa fez em janeiro no Espírito Santos. Que para aumentar suas plantações invadiu terras indígenas, prendeu as pessoas e passou com tratores por cima das casas”**

• Leonardo Boff - teólogo

O projeto que queremos

As mulheres camponesas com a ação do 8 de março, acertaram o coração do Capitalismo que explora as/os trabalhadoras/res, e transforma o campo em um espaço de produção intensiva, exterminando a cultura das comunidades.

As mesmas mulheres, que ao longo da humanidade preservaram as sementes e a



biodiversidade, não aceitaram a opressão e agiram contra quem está acabando com o nosso planeta, reafirmando a luta das/os trabalhadoras/res contra o capitalismo, representado por grandes empresas como a Aracruz.

Estas mulheres também reafirmam um Projeto de Agricultura e de sociedade diferente do atual.

Estas mulheres também reafirmam um Projeto de Agricultura e de sociedade diferente do atual.

Alguns princípios do Projeto de Agricultura Camponesa:

- 1 Respeito e cuidado com a natureza.
- 2 Controle dos meios de produção pelas/os trabalhadoras/es camponesas/es.
- 3 Reforma Agrária, fim do latifúndio e produção que garanta os princípios da agroecologia.
- 4 Valorização e reconhecimento das mulheres e de seu trabalho, bem como do ser humano como um ser integral.
- 5 Soberania alimentar com autonomia para decidir na produção.
- 6 Recuperação, preservação e multiplicação das sementes crioulas ou tradicionais.
- 7 Que a água, a terra e as sementes sejam patrimônio dos povos, a serviço da humanidade.
- 8 Participação efetiva das mulheres em todos os espaços de decisão sobre a produção, o patrimônio, as relações políticas e comunitárias.
- 9 Políticas públicas voltadas para o campo.
- 10 Geração e valorização da renda gerada pelo/a agricultor/a camponês.
- 11 Investimento público na ciência, tecnologia e pesquisa para a agricultura camponesa.
- 12 Valorização e defesa das populações tradicionais e seus modos de vida e produção (Quilombolas, Indígenas, Ribeirinhos, etc).
- 13 Recuperação das relações de solidariedade.

“Soberania sim, deserto verde não”